



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social**

**Sub-eixo: Trabalho, questão social e serviço social – fundamentos**

## **TRABALHO ABSTRATO E TEORIA MARXISTA DO VALOR**

**OZILEIA CARDOSO DA SILVA <sup>1</sup>**

**HENRIQUE ANDRÉ RAMOS WELLEN <sup>2</sup>**

### **RESUMO:**

O objetivo deste artigo foi apresentar alguns elementos sobre a categoria do trabalho abstrato dentro da investigação econômica realizada por Karl Marx em *O Capital*, tendo por base indicações analíticas apresentadas por Isaak Rubin. Nesse sentido, adotou-se sua obra *Teoria Marxista do Valor* como referência exegetica e de análise da categoria do trabalho abstrato.

**PALAVRAS-CHAVE:** Economia Política; Trabalho Abstrato; Teoria do Valor; Karl Marx; Isaak Rubin.

### **ABSTRACT:**

The aim of this article was to present some elements about the category of abstract labour within the economic investigation carried out by Karl Marx in *Capital*, based on analytical indications presented by Isaak Rubin. In this sense, his work *Marxist Theory of Value* was adopted as an exegetical reference and analysis of the category of abstract work.

**KEY-WORDS:** Political Economy; Abstract Labour; Value Theory; Karl Marx; Isaak Rubin.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte

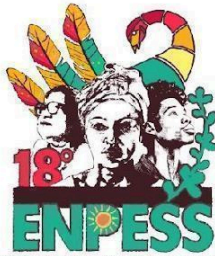
## 1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da análise econômica de Marx é demarcado por elementos de continuidades, assim como por alterações importantes. Por exemplo, se, de um lado, é fato que o autor alemão apresentou, de forma permanente, uma profunda crítica às contradições econômicas do modo de produção capitalista, de outro lado, é possível se perceber algumas significativas alterações teóricas e metodológicas em sua abordagem. Nesse sentido, ainda que se observe a presença contínua de algumas categorias econômicas na sua bibliografia, faz-se necessário apreender se os sentidos retratados nas utilizações destas categorias permanecem os mesmos ao longo das suas produções teóricas.

Um dos grandes exemplos deste movimento paradoxal se encontra na utilização que Marx fez da categoria do trabalho abstrato. A presença desta categoria pode ser observada desde as primeiras obras de análise econômica do autor alemão e se manteve presente até as suas últimas pesquisas econômicas. Desde os seus *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* (Marx, 2010a), datados de 1844, até alguns dos seus últimos escritos econômicos, como as suas *Notas Marginais ao "Manual de Economia Política" de Adolfo Wagner* (Marx, 2010b), redigidas entre 1879 e 1880, se observa a presença da categoria do trabalho abstrato.

Contudo, na leitura comparativa entre as duas obras citadas, se observam dois sentidos bastante diferentes para a utilização desta categoria. Enquanto, naquela obra, Marx (2010a, p. 241), critica e rejeita a economia política por “reduzir a maior parte da humanidade ao trabalho abstrato”, nesta, ele esclarece como, na dualidade da forma mercadoria, “se apresenta o dual caráter contraditório do trabalho [...]: o trabalho útil, isto é, o modo concreto do trabalho que cria valores de uso, e o trabalho abstrato, o trabalho como dispêndio de força de trabalho, independentemente da maneira ‘útil’ de como ele é gasto” (Marx, 2010b, p. 546).

Essa frase anterior, contida no texto escrito nos anos finais da sua vida, representa um dos argumentos que o autor alemão utilizou para criticar interpretações equivocadas sobre a sua principal obra econômica, *O Capital*. A citação anterior encontra-se na obra em que o autor alemão realizou uma crítica a um livro de Adolph Wagner que, a seu ver, teria deturpado as suas teses sobre a teoria do valor. Por isso que, no entendimento de Marx, para se apreender corretamente a análise sobre a teoria do valor exposta em *O Capital*, se necessitaria assimilar com precisão a categoria do trabalho abstrato.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

De forma direta, pode-se afirmar que a categoria trabalho abstrato é um dos pontos centrais no escopo da teoria de Karl Marx sobre o valor. Tal fato pode ser ressaltado a partir do próprio testemunho do autor alemão. Em carta enviada para Engels, datada de 24 de agosto de 1867, em que ele comentou algumas características da sua obra que se encontrava em publicação (*O Capital*), assim se expressou Marx (2010c, p. 407):

Os melhores pontos do meu livro são: 1. (isso é fundamental para *toda* compreensão dos FATOS) o *duplo caráter do trabalho* conforme seja expresso em valor de uso ou em valor de troca, que é apresentado logo no *Primeiro* Capítulo; 2. o tratamento da *mais-valia, independentemente das suas particulares* formas, como lucro, juros, renda da terra, etc. (itálicos do original)

Da maneira semelhante, logo no primeiro capítulo de *O Capital*, Marx (2010d, p. 51) ressalta tanto a importância desta abordagem para a investigação da economia capitalista, como aponta para a originalidade da sua análise:

À primeira vista, uma mercadoria se apresenta para nós como um complexo de duas coisas – valor de uso e valor de troca. Mais tarde, vimos também que o trabalho também possui a mesma natureza dupla; pois, na medida em se encontra sua expressão no valor, não possui as mesmas características que lhe pertencem como criador de valores de uso. Eu fui o primeiro a apontar e a examinar criticamente esta dupla natureza do trabalho contido nas mercadorias. Como este ponto é o eixo sobre o qual gira uma compreensão clara da economia política, devemos analisá-lo com mais detalhes.

Todavia, mesmo com estas ressalvas, existe, dentro de variadas referências teóricas que buscam se basear na análise econômica de Marx, não apenas uma diversidade de interpretações e utilizações sobre a categoria do trabalho abstrato, mas também abordagens que desconsideram a sua relevância. Isaak Rubin, um dos mais destacados economistas marxistas, chegou a afirmar que, em contradição com a grande importância que o trabalho abstrato possui dentro da análise econômica e da teoria do valor de Marx, esta categoria teria sido bastante desprezada. O autor russo aponta que, apesar da centralidade atribuída por Marx à questão do duplo caráter do trabalho, a teoria do trabalho abstrato recebeu pouca atenção na literatura marxista, uma vez que, no seu entendimento: “alguns autores passam por sobre esta questão em completo silêncio” (Rubin, 1978, p. 146).

O objetivo deste artigo foi apresentar alguns elementos sobre a categoria do trabalho abstrato dentro da investigação econômica realizada por Karl Marx em *O Capital*, tendo por base algumas indicações analíticas apresentadas por Isaak Rubin. Para tanto, adotou-se sua obra *Teoria Marxista do Valor* como referência exegética e de análise da categoria do trabalho abstrato.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

## 2. MERCADORIA, TRABALHO ABSTRATO E VALOR

Logo na primeira frase de *O Capital*, Marx (2010d, p. 45) deixa explicitado que a sua exposição econômica se baseou em uma especificidade da sociedade capitalista ou, nas suas palavras, da em uma particularidade da “sociedade dominada pelo modo de produção capitalista”: que a riqueza se manifesta através da forma mercadoria. Ao expor, de forma inicial, as características presentes na aparência da mercadoria, o autor alemão destaca o valor de uso e o valor de troca. Na superfície desta manifestação de riqueza, a mercadoria tanto remete à característica de utilidade, que media a satisfação das necessidades humanas, como à capacidade de ser trocada por outras mercadorias. De um lado, como a determinação das utilidades das mercadorias se refrata em relações subjetivas, se trata de qualidades diferentes. De outro lado, na relação de troca de mercadorias, pauta-se a necessidade de quantificação: “como valores de uso, as mercadorias são, acima de tudo, de qualidades diferentes, mas, como valores de troca, elas são simplesmente quantidades diferentes e, conseqüentemente, não contém um átomo de valor de uso” (idem, p. 48).

Segundo o autor alemão, este processo de quantificação da riqueza, em que se encontra presente a expressão do valor de troca, engloba, contudo, uma questão bem mais profunda do que a simples aparência da mercadoria. Foi para avançar nessa análise que Marx apontou para os processos de abstração. Primeiro, ele afirmou que o valor de troca manifesta uma abstração dos valores de uso da mercadoria. Em seguida, ele fez a primeira indicação sobre a categoria do trabalho abstrato dentre de *O Capital*:

Se então deixarmos de considerar o valor de uso das mercadorias, lhes resta apenas uma propriedade comum, a de serem produtos de trabalho. Mas, mesmo o próprio produto do trabalho sofreu uma mudança em nossas mãos. Se fizermos uma abstração do seu valor de uso, abstraímos, ao mesmo tempo, os elementos materiais e as formas que fazem do produto um valor de uso; não vemos mais nela uma mesa, uma casa, um fio ou qualquer outra coisa útil. Sua existência como coisa material é ocultada. Nem pode mais ser considerada como o produto do trabalho do marceneiro, do pedreiro, do fiandeiro ou de qualquer outro tipo definido de trabalho produtivo. Juntamente com as qualidades úteis do próprios produtos, deixamos de lado tanto o caráter útil dos vários tipos de trabalho neles incorporados e as formas concretas desse trabalho; não resta nada além do que é comum a todos eles; todos são reduzidos a um único e mesmo tipo de trabalho, trabalho humano em abstrato (Marx, 2010d, p. 48).

Deste momento em diante, a categoria do trabalho recebe bastante atenção na análise econômica de Marx em *O Capital*, com destaque para o segundo tópico do primeiro capítulo, intitulado de *O duplo caráter do trabalho representado nas mercadorias*. Esse duplo caráter da mercadoria se refere tanto ao valor de uso e ao valor de troca, como ao trabalho útil ou concreto e



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

ao trabalho abstrato. Entretanto, é importante ressaltar, novamente, que o enfoque expositivo aqui utilizado por Marx toma a forma mercadoria como referência. Nesse sentido, a sua exposição analítica não se direciona nem para o trabalho por si mesmo, nem para as pessoas que estão realizando esta ação. Trata-se da forma como o trabalho se encontra representado nas mercadorias que, conseqüentemente, por terem valores de uso e de troca, também manifestam esse duplo caráter de trabalho.

Para apreender essa exposição de Marx pode-se recorrer às análises econômicas de Isaak Rubin que, em sua obra *Teoria Marxista do Valor*, se dedicou bastante ao exame da categoria trabalho abstrato. Para o economista russo, trata-se de importância decisiva atribuída à distinção entre trabalho concreto e abstrato por Marx, isto é, ao duplo caráter do trabalho representado na mercadoria, como apresentado em sua obra econômica principal, *O Capital*. Nessa direção, cabe indagar: o que é o significado de um (trabalho concreto) em contraste com o do outro (trabalho abstrato), e como eles se relacionam? A resposta de Rubin (1978, p. 156) se apresenta a partir da seguinte constatação:

É óbvio que o trabalho abstrato está vinculado a uma 'forma social' definida, e expressa determinadas relações entre os homens no processo de produção. Trabalho concreto é a definição de trabalho em termos de suas *propriedades técnico-materiais*. O trabalho abstrato compreende a definição de *formas sociais* de organização do trabalho humano. Esta não é uma definição genérica e específica de trabalho, mas a análise do trabalho a partir de dois pontos de vista: técnico-material e social. O conceito de trabalho abstrato expressa as características da organização social do trabalho numa sociedade mercantil-capitalista (itálicos do original).

Entretanto, a afirmação de Marx de que o trabalho abstrato, que se encontra representado nas mercadorias e que manifesta uma unidade que abstrai as qualidades específicas dos diferentes tipos de trabalho, teria sido, para o economista russo, equivocadamente direcionada para termos fisiológicos. Tal interpretação é considerada por ele como sendo bastante simplista, sem qualquer correspondência ao real sentido atribuído por Marx. Se o trabalho abstrato é definido enquanto dispêndio de energia fisiológica, logo este se trataria de "um conceito *fisiológico*, desprovido de todos os elementos sociais e históricos" (idem, p. 147 – itálicos do original). E, se assim o fosse, o conceito de trabalho abstrato existiria antes do surgimento da economia mercantil-capitalista, ou seja, "em todas as épocas históricas, independentemente desta ou daquela forma social de produção" (idem). Para Rubin, essa definição, portanto, negligencia a forma social e histórica que o processo de trabalho possui numa economia mercantil-capitalista.

Conforme indicado anteriormente, desde o início de *O Capital*, explicita-se que a exposição econômica de Marx parte das especificidades da sociedade capitalista. Essa é, inclusive, uma das



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

principais diferenças entre esta abordagem do autor alemão e a usualmente realizada pelos autores da economia política, que tendiam a eternizar a sociedade burguesa. Para Marx, não se trata, pois, de uma análise de categorias com sentidos supra ou trans histórico. Isso não quer dizer, tão somente, que algumas categorias teriam surgido apenas no capitalismo. Indica, também, que, com o advento e o desenvolvimento desta sociedade, novas determinações consubstanciaram sentidos particulares para estas categorias.

As utilizações de categorias que possuem existências em modos de produções diferentes recebem, do autor alemão, as expressões das suas determinações históricas e sociais. Um dos exemplos deste critério adotado por Marx se materializa na exposição da categoria do dinheiro, que é apresentada, na obra citada, a partir das suas retroativas determinações. Esse é o caso, também, da categoria do trabalho que, como produtor de valor de uso, possui marcas unitárias nas sociedades humanas. Contudo, bem diferente é o caso da categoria do trabalho abstrato, limitada à especificidade da sociedade capitalista.

Portanto, em oposição à uma suposta definição biológica de trabalho abstrato, o economista russo afirma que o trabalho abstrato não se refere a uma natureza fisiológica, pois esta categoria não coincide com igualdade fisiológica entre diferentes dispêndios de trabalho. Ao contrário, a categoria de trabalho abstrato expressa a

forma particular que a igualação do trabalho adquire numa economia mercantil; nesta, a igualação não é levada a cabo diretamente no processo de produção, mas através da troca. O conceito de trabalho abstrato expressa a forma histórica específica de igualação do trabalho. É um conceito não só social, mas também histórico (Rubin, 1978, p. 149).

Essa suposta relação entre o conceito de trabalho abstrato e o sentido fisiológico constitui, para o economista russo, um contrassenso à perspectiva de Marx<sup>1</sup>. Nas suas palavras, “Marx não se cansou de repetir que o valor é um fenômeno social, que a existência do valor (*Wertgegenständlichkeit*) tem ‘uma materialidade puramente social’ [...] e não contém um único átomo de matéria” (idem, p. 150). Para Rubin, mesmo que esta determinação social e histórica do trabalho abstrato seja “precisamente o aspecto que é o objeto de estudo direto da Economia Política” (idem, p. 148), poucos analistas compreenderam as características sociais desse caráter abstrato do trabalho<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Para o autor, “só pode haver uma maneira de sair dessas dificuldades: na medida em que o conceito de valor possui um caráter histórico e social na obra de Marx (e esta precisamente é sua contribuição e a característica distintiva de sua teoria), devemos então construir o conceito de trabalho abstrato, que cria valor, sobre a mesma base” (Rubin, 1978, p. 151).

<sup>2</sup> Rubin (1978, p. 151) indica, de forma categórica, que a delimitação desta categoria ao sentido fisiológico invalida a assimilação da teoria do valor de Marx: “O trabalho abstrato ‘cria’ valor, é o ‘conteúdo’ ou ‘substância’ do valor. A tarefa de Marx não era (como temos observado com frequência) reduzir o valor, analiticamente, a trabalho abstrato, mas



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Assim, embora o trabalho no sentido fisiológico em geral, ou trabalho fisiologicamente igual, sejam pressupostos do trabalho que é a fonte do valor – o trabalho abstrato – este não pode ser confundido com aqueles. O trabalho abstrato é trabalho socialmente igual ou socialmente igualado na forma que assume na economia capitalista. Caracteriza-se enquanto uma “substância social” do valor e não como uma condição fisiológica, ou seja, “na medida em que o valor do produto do trabalho é uma função social, e não natural, o trabalho que cria este valor não é uma substância fisiológica, mas uma ‘substância social’” (idem, p. 154).

Com essa compreensão analítica, na qual o trabalho abstrato se constitui enquanto forma específica de trabalho socialmente igualado da sociedade contemporânea, Rubin argumenta sobre a necessidade da seguinte distinção: “todo trabalho abstrato é trabalho social e socialmente igualado, mas nem todo trabalho socialmente igualado pode ser considerado trabalho abstrato” (idem, p. 155). Para ele, destarte, não se deve restringir o trabalho abstrato à sua característica social enquanto trabalho socialmente igualado, mas é importante precisar esta categoria enquanto forma de trabalho socialmente igualado que corresponde a uma determinada forma social de economia. Portanto, em seus termos, “o trabalho abstrato não só não coincide com o trabalho fisiologicamente igual, como também não pode absolutamente ser identificado com o trabalho socialmente igualado” (idem).

Sendo assim, segundo a abordagem do economista russo, Marx, ao distinguir os dois aspectos do trabalho incorporado nas mercadorias, revelara que “o trabalho concreto e o abstrato (técnico-material e social) são um e o mesmo trabalho incorporado nas mercadorias”. Todavia, o autor alemão descobrira que somente o trabalho abstrato consiste em “o aspecto social deste trabalho, que cria valor e se expressa no valor” (idem, p. 156). Com isso, o valor só é expressão do trabalho na forma de trabalho abstrato. Portanto, o conceito de trabalho abstrato está intimamente conectado ao conceito do valor, cuja natureza é socialmente determinada.

É nesse sentido que se direcionam as seguintes afirmações de Marx (2010d, p. 72):

Todos os produtos do trabalho são, em todas as formas de sociedades, um valor de uso; mas, somente em uma determinada época histórica de desenvolvimento social, é que este produto se transforma em mercadoria: a época em que o trabalho dispendido na produção de artigos úteis passa a ser expresso como uma das qualidades objetivas deste produto, como o seu valor. Daí, segue-se que a forma elementar de valor é também a forma primitiva sob a qual um produto do trabalho aparece historicamente como uma mercadoria, e que a gradativa transformação destes produtos em mercadorias ocorre simultaneamente com o desenvolvimento da forma valor.

---

deduzir o valor dialeticamente a partir do trabalho abstrato. E isto não é possível se o trabalho abstrato for compreendido como nada mais que trabalho num sentido fisiológico”.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

A partir da análise de Rubin, pode-se inferir que o problema do valor se constitui, portanto, a partir de uma forma social concreta: a estrutura produtiva capitalista, isto é, como nela se institui o trabalho social, e para qual a mediação central é o trabalho abstrato. Com isso, sua exposição parte da igualação das mercadorias como fundamento para a igualação entre os diferentes trabalhos das pessoas. A partir disso, o economista russo também adverte sobre a distinção entre o conceito de valor e o conceito de trabalho, que, embora imbricados (forma e conteúdo), não são idênticos. E frente à oposição que se estabelece entre trabalho concreto e abstrato, a análise deve-se conectar com a oposição entre trabalho privado e trabalho social na sociedade capitalista, pois “o trabalho é social se for examinado como parte da massa total de trabalho social homogêneo ou, como diz Marx com frequência, se for visto em termos de sua ‘relação com o trabalho total da sociedade’” (Rubin, 1978, p. 157).

O processo de transformação do trabalho privado em trabalho social advém da relação dialética entre o trabalho concreto e o trabalho abstrato, mediada por meio da relação de troca de mercadorias. O trabalho abstrato se configura como “uma espécie de trabalho social ou socialmente igualado em geral”, pois, “a transformação do trabalho concreto em abstrato já significa sua inclusão na massa de trabalho social homogêneo, isto é, sua transformação em trabalho social” (idem). Esta dinâmica ocorre a partir do advento do capitalismo, uma vez que o “trabalho social ou socialmente igualado sob a forma específica que possui numa economia mercantil” (idem). Desta maneira, a transformação da forma concreta do trabalho em sua forma abstrata corresponde à forma exclusiva de elo social, uma vez que

na sociedade mercantil a única relação social entre as unidades econômicas independentes, privadas, realiza-se através de uma troca e igualação multilaterais de produtos das mais variadas formas de trabalho concretas, isto é, [...] através da transformação do trabalho concreto em abstrato (idem, p. 159).

Com isso, o economista russo reafirma a característica social do trabalho abstrato, que diz respeito à abstração das formas concretas de trabalho, relação social básica entre produtores mercantis separados.

Trabalho abstrato significa ‘determinação social do trabalho’, e o valor, a propriedade social do produto do trabalho. Somente o trabalho abstrato, que pressupõe determinadas relações de produção entre as pessoas, cria valor, e não o trabalho no sentido técnico-material ou fisiológico (idem, p. 169).

Com essa perspectiva, a relação entre as formas de trabalho representadas nas mercadorias compreende a dialética da igualação das atividades de trabalho das pessoas. Por meio dessa relação, ocorre, na quantificação do valor, uma redução dos trabalhos, nas suas particularidades, para uma condição unitária. A existência do trabalho abstrato está





Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

intrinsecamente relacionada ao desenvolvimento da troca como forma social do processo produtivo na sociedade burguesa. Para explicitar o sentido desta afirmação, é importante destacar os conectivos presentes nesta frase. Não se trata apenas do desenvolvimento histórico das relações de troca. Ressalta-se a dominação desta forma social no processo produtivo, que indica, conseqüentemente, a subsunção da esfera da produção pela forma mercadoria. Estas indicações refletem duas particularidades da sociedade capitalista: a existência de mercadoria como elemento de mediação social central que, para operar desta forma, foi determinada pela reconfiguração da produção, que se tornou direcionada para a troca de mercadorias.

O trabalho abstrato é, portanto, resultante de um determinado desenvolvimento histórico, “torna-se uma relação social entre os membros da sociedade ao realizar-se através da troca e da igualação de produtos das mais variadas formas de trabalho” (idem, p. 162). Dito isso, uma das conclusões do autor é que, sem a forma burguesa de troca, não pode existir trabalho abstrato. Assim, para ele, o trabalho abstrato só passou a existir e a ter a sua forma mais desenvolvida quando a possibilidade da troca transitou de limites nacionais para o mercado mundial.

O caráter ampliado da troca evidencia que, na economia burguesa, em contraste com formas de economia que a precederam, esta se institui sob o pressuposto da possibilidade de mobilidade dos agentes econômicos entre os diferentes ramos produtivos. Outro aspecto consiste no fato de que o valor de uso dos produtos se constitui como pressuposto a produção do valor, mas não consiste no objetivo central da produção, uma vez que essa tem por finalidade a relação de troca. O valor é, portanto, condutor do trabalho e não o oposto. Nessa relação, insiste Rubin (1978, p. 162), na reafirmação sobre sua contraposição à compreensão do trabalho abstrato enquanto trabalho fisiológico, que “devemos entender por trabalho o trabalho que é organizado na forma social determinada existente numa economia mercantil”.

No que diz respeito à natureza social do trabalho abstrato e, conseqüentemente, do valor, é importante esclarecer a relação que se estabelece entre a troca e a produção na sociedade capitalista para a produção de valor. Isto é, com respeito ao possível equívoco relativo à esfera criadora do valor, de que a troca, enquanto esfera na qual tanto o trabalho abstrato quanto o valor se realizam, representaria, em última análise, a subordinação da esfera da produção à da troca. Diante disso, Rubin (1978, p. 165) afirma que esse equívoco é decorrente do fato de que, na relação entre a produção e a troca, “não são adequadamente distinguidos dois conceitos de troca”. O autor aponta, nesse sentido, para a necessidade de se “distinguir a troca enquanto forma



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

social do processo de reprodução, da troca enquanto fase particular deste processo de reprodução, alternando-se com a fase de produção direta” (idem).

Sob essa perspectiva, a troca dos produtos do trabalho, a partir da forma que assumem nesta sociedade (a forma mercadoria), incidem na expressão do trabalho social, ou seja, é uma forma social do processo produtivo. Nas relações sociais capitalistas, a troca (a forma mercadoria dos produtos do trabalho) tornou-se a forma dominante. O que significa dizer que, nesta sociedade, a organização da produção se pauta e se destina, principalmente, para a troca entre produtores mercantis privados. Assim, “desde que a troca é realmente dominante no processo de produção, ela deixa sua marca no processo de produção direta” (idem, p.165). A troca de mercadorias se reflete, assim, na manifestação do caráter social da produção.

O economista russo também chama a atenção para outra questão, a saber: embora as fases da produção direta e a troca se relacionem, elas não se configuram igualmente. De igual modo, o autor também relaciona esse mesmo aspecto com o trabalho abstrato. A troca influencia não só o valor, mas também o trabalho abstrato. A respeito disso, ele afirma:

sabemos que os produtores de mercadorias, em seus atos de produção, levam em consideração o estado do mercado e da demanda durante o processo de produção direta. Eles produzem exclusivamente para transformar seu produto em dinheiro e, desta maneira, seu trabalho privado e concreto em trabalho social e abstrato (idem, p. 166).

Portanto, no capitalismo, para o trabalho privado se constituir diretamente enquanto trabalho social, requer-se a mediação da troca; esta, por sua vez, nessa fase, é entendida como forma do processo de produção, pois o trabalho só adquire o caráter de trabalho abstrato na medida em que a troca se desenvolve. Nessa fase de produção direta, “o trabalho ainda não é trabalho abstrato no pleno sentido da palavra, ainda deve tornar-se (*werden*) trabalho abstrato” (idem, p. 167). Para o autor, não se pode concluir, então, que as características sociais tanto do produto do trabalho quanto do trabalho humano estão diretamente manifestas na esfera da produção. Estas características só se constituem socialmente ao transitarem de uma esfera (produção) para a outra (troca). Nesse sentido, Rubin ressalta que

não devemos pensar que, na medida em que, no processo de produção direta, os produtores de mercadorias estão diretamente vinculados uns aos outros por relações de produção, então seus produtos e seu trabalho já possuem um caráter diretamente social. A realidade não é assim. O trabalho do produtor de mercadorias é diretamente privado e concreto, mas adquire uma propriedade social complementar, ‘ideal’ ou ‘latente’, na forma de trabalho abstrato-geral e social. (idem)

Nesse processo, o trabalho abstrato não é apenas uma “substância social” dos produtos de trabalho enquanto valores, mas essa forma de trabalho também possui uma determinação



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

quantitativa, ou seja, uma magnitude social determinada, “e exatamente por causa disso o produto do trabalho não só adquire a forma social de valor, como tem um valor de magnitude determinada” (idem, p. 168). Com efeito, Rubin considera que o primeiro postulado da teoria de Marx se refere às relações sociais de produção entre as pessoas, as quais assumem uma forma material, sendo este, portanto, a base do trabalho social (ou seja, abstrato) cuja expressão se dá pela forma de valor. Nesse processo,

o valor é uma propriedade social (ou forma social) de um produto do trabalho, assim como o trabalho abstrato é uma “substância social” que está na base desse valor. A despeito disso, o trabalho abstrato, assim como o valor que ele cria, possui não só um aspecto qualitativo, mas também quantitativo. Ele tem uma magnitude determinada, da mesma maneira que a tem o trabalho social contabilizado pelos órgãos de uma comunidade socialista (p. 170).

Essa magnitude de valor consiste na quantidade de tempo de trabalho socialmente necessário despendida na produção. Trata-se, pois, da propriedade quantitativa do trabalho e, assim, também do valor, em que o tempo de trabalho é a medida do valor. E, em relação a essa determinação quantitativa do trabalho abstrato, Rubin (idem, p. 170) aponta sobre a necessidade de atenção para o fato de que

à primeira vista, parece que se o trabalho abstrato é resultado da igualação social do trabalho através da igualação dos produtos do trabalho, o único critério de igualdade ou desigualdade de dois dispêndios de trabalho é o fato da igualdade (ou desigualdade) no processo de troca. A partir desse ponto de vista, não podemos falar de igualdade ou desigualdade de dois dispêndios de trabalho antes do momento de sua igualação social através do processo de troca. Por outro lado, se no processo de troca esses dois dispêndios de trabalho são igualados socialmente, devemos considerá-los iguais, ainda que não o sejam (por exemplo, com respeito ao número de horas de trabalho) no processo de produção direta.

A respeito dessa manifestação, o autor afirma que ela conduz a uma falsa compreensão, uma vez que a igualação social do trabalho no processo de troca não se processa arbitrariamente, sem qualquer tipo de regularidade. Para o economista russo, a base da igualação social dos produtos do trabalho decorre de uma medida de regularidade que somente se situa na esfera da produção. Assim sendo, ele ressalta que durante o “processo de troca, iguais quantidades de trabalho, e às vezes quantidades bastante desiguais (por exemplo, na troca de produtos de trabalho altamente qualificado, ou na troca de produtos a preços de produção numa economia capitalista, etc.), são igualadas socialmente” (idem, p. 170). Esse fato só pode ser explicado, portanto, por uma relação socialmente determinada. A natureza da igualação dos trabalhos é social.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Isso implica em que a determinação quantitativa do trabalho abstrato, enquanto expressão da produção social, só pode ser apreendida como resultado da igualação social do trabalho. A partir disso, se o trabalho social é uma característica de toda forma de economia, a forma que ele se realiza é particular. Todas as sociedades humanas realizam trabalho e o montante deste trabalho é social. A especificidade da sociedade capitalista é que a determinação deste quantum social ocorre pela igualação dos trabalhos representados nas mercadorias, isto é, mediado pelo processo da troca.

A troca, nesse sentido, é o mecanismo econômico pelo qual, na sociedade vigente, se manifesta o caráter social do trabalho. O nexo trabalho-produção entre produtores mercantis individuais apenas pode realizar-se pelo processo de troca, e o caráter social da produção somente se opera pela forma de valor dos produtos do trabalho. Por isso, no capitalismo, o valor se expressa como único regulador geral da produção. O nexo em questão constitui a base da teoria do valor de Marx e, de acordo com Rubin (1978, p. 97), se expressa da seguinte maneira:

o trabalho dos produtores mercantis individuais, que possui diretamente a forma de trabalho *privado*, só pode adquirir o caráter de trabalho *social*, isto é, submeter-se ao processo de *vinculação e coordenação mútuas*, através do “valor” dos produtos do trabalho. O trabalho enquanto fenômeno social só pode expressar-se no “valor”. O caráter específico da teoria de Marx sobre o valor-trabalho consiste no fato de que Marx não baseia sua teoria nas propriedades do valor, isto é, nos *atos de igualação e avaliação de coisas*, mas nas propriedades do trabalho na economia mercantil, isto é, na análise da *estrutura e relações de produção* do trabalho (itálicos do original).

Em qualquer sociedade, o desenvolvimento das forças produtivas impacta diretamente na produtividade do trabalho. Contudo, no capitalismo, essa relação opera a partir do trabalho abstrato, refletindo no processo de produção, no valor dos produtos do trabalho e, conseqüentemente, afetando a distribuição social do trabalho. No capitalismo, o valor se configura, portanto, como regulador da distribuição quantitativa do trabalho social entre ramos individuais da produção e, nesse aspecto, a análise se direciona para a relação entre o trabalho socialmente necessário e a sua respectiva magnitude no processo produtivo. Para Rubin, este esquema, no qual o valor desempenha o papel de regulador, é responsável por determinar a distribuição do trabalho social, que se processa por elementos contraditórios. Este esquema exprime a lei do valor, a qual é responsável pela regulação da distribuição social do trabalho na economia capitalista, contradita aos constantes desvios e perturbações, que são inerentes a essa forma de economia<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Rubin utiliza a seguinte citação de Marx para elucidar essa questão: “a *lei do valor* das mercadorias se encarrega de determinar qual parte do seu volume global de tempo de trabalho disponível a sociedade pode destinar à produção de



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Com isso, o problema do valor está intrinsecamente relacionado à estrutura produtiva da sociedade cuja produção se baseia na troca privada. Suas causas determinantes e suas modificações estão relacionadas diretamente ao trabalho das pessoas e ao processo e produção: o valor explica o mecanismo produtivo da economia capitalista, isto é, sua estrutura e movimento. A forma troca se constitui enquanto mecanismo central para a vinculação social entre os produtores privados de mercadorias, considerando que somente por meio dela se realiza a distribuição do trabalho, uma vez que a organização social do trabalho se processa pela medição do mercado e da troca.

O ato de igualação das mercadorias no mercado pressupõe e, ao mesmo tempo, oculta, a igualdade entre os produtores das mercadorias, ou seja, a igualação dos trabalhos despendidos nos produtos do trabalho. Constituintes dessa relação de igualação, os aspectos do valor, em termos qualitativo (o valor como forma social) e quantitativo (a magnitude do valor), se encontram imbricados. Por conseguinte, tais aspectos conduzem tanto ao conceito de trabalho abstrato, como à relação entre trabalho abstrato e valor. Da relação de igualdade de mercadorias à relação de igualação do trabalho se expressam, portanto, o valor como resultante do trabalho abstrato.

Observa-se, dessa maneira que, na forma de economia capitalista, o trabalho “adquire agora uma característica qualitativa e quantitativa particular: o trabalho aparece como trabalho abstrato e socialmente necessário” (Rubin, 1978, p. 81). É este trabalho que determina o valor das mercadorias. Este valor expressa, desse modo, a igualação social das formas concretas de trabalho, manifestando, assim, o trabalho abstrato e o trabalho social. De forma objetiva, indica-se que, nessa forma de economia, o trabalho social apenas se expressa quando adquire a forma específica de trabalho abstrato.

O trabalho social, que pressupõe, na economia capitalista, relações de produção entre as pessoas como produtoras de mercadorias, assume, como mencionado, uma forma específica (trabalho abstrato), o qual tem por medida o tempo de trabalho socialmente necessário. Essa forma específica apresenta, na análise do economista russo, duas propriedades: a primeira propriedade “consiste no fato de que só se torna social se for igual. A segunda propriedade consiste no fato de que a igualação do trabalho é realizada através da igualação das coisas” (idem, p.112). Por consequência, a equiparação dos produtos de trabalho no mercado, como valores, é, em sua imanência, a igualação dos diversos trabalhos, como modalidades de trabalho

---

cada tipo de mercadoria. Mas esta tendência constante de as diversas esferas de produção se manterem em equilíbrio manifesta-se apenas como reação contra o constante desequilíbrio” (Marx, C., I *apud* Rubin, 1978, p. 95).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

humano. Com referências a Marx, aponta o autor citado que “a igualação social do trabalho não existe de maneira independente; ela só se realiza através da igualação das coisas. Isto significa que a igualação social do trabalho só se realiza através das coisas” (idem, p. 113-114).

Segundo o autor russo, Marx se referia ao “caráter social da igualdade dos vários tipos de trabalho, do processo social de igualação do trabalho, indispensável para toda economia baseada numa divisão extensiva de trabalho” (idem, p. 114). Sendo assim, a “‘materialização’ do processo social de igualação sob a forma de uma igualação de coisas não significa a objetivação material do trabalho enquanto elemento da produção, isto é, sua acumulação material nas coisas (produtos do trabalho)” (idem), mas somente do seu aspecto abstrato. Com isso, se a chave para a teoria do valor não pode ser encontrada no ato de troca enquanto tal, na igualação material das mercadorias como valores, mas na maneira pela qual o trabalho é igualado e distribuído na economia mercantil, Rubin aponta para a centralidade do trabalho abstrato no processo de formação do valor.

Conclui-se, assim, que o valor dos produtos do trabalho, enquanto mercadorias, se refere à igualdade social do trabalho, é a manifestação desta. Para tanto, Rubin (idem, p. 116) propõe que “devemos relacionar o conceito de ‘igualdade social do trabalho’ ao conceito de *equilíbrio entre formas individuais de trabalho*”, uma vez que “a ‘igualdade do trabalho’ corresponde a um determinado estado da distribuição do trabalho na produção, a saber, a um estado de equilíbrio concebido teoricamente, no qual cessa a transferência de trabalho de um ramo de produção a outro” (itálicos do original). Ao considerar, desse modo, que a economia mercantil-capitalista se sustenta na oposição entre trabalho privado e trabalho social (o que consiste no problema central da teoria do valor) e, por conseguinte, “a transformação do trabalho *privado* em *social* coincide com a transformação de trabalho *concreto* em *abstrato*” (p. 145), isso explicaria, no entendimento do economista russo, a centralidade da categoria trabalho abstrato na teoria do valor de Marx.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das conclusões da análise de Rubin é que, dentro da sociedade capitalista, o valor das mercadorias só existe a partir da igualdade social dos trabalhos que foram dispendidos nas suas produções. O valor é uma manifestação deste processo de igualação, que tem no trabalho abstrato uma categoria fundante. Se a categoria do trabalho abstrato não pode ser analisada,



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

portanto, de forma separada ou independente da teoria do valor de Marx, o inverso também representa um grande problema interpretativo. Vê-se, com isso, ainda que de forma breve, alguns elementos que justificam as admoestações que o autor alemão (2010b) escreveu, ao final da sua vida, a Adolfo Wagner, por causa da sua problemática interpretação de *O Capital*.

Conforme indicando na introdução deste artigo, Marx, especialmente a partir dos anos de 1860, teve grande preocupação acerca da precisão expositiva e analítica da categoria do trabalho abstrato. Para o autor alemão, esta necessidade advinha também da explicitação da originalidade da sua análise em relação à produção bibliográfica da economia política que o antecedeu, notadamente nos seus quesitos metodológicos. Ao adotar a mercadoria e as suas formas de manifestação como ponto de partida expositivo da sua principal obra econômica, ele explicitou a necessidade da assimilação das especificidades da sociedade dominada pelo modo de produção capitalista. As determinações inéditas desta sociedade não consubstanciaram apenas uma nova forma social e econômica, mas também incidiram em reconfigurações de fenômenos presentes em sociedades anteriores.

É fato a forma mercadoria já existia em sociedades pré-capitalistas. Contudo, surgiram novas determinações históricas que configuram a sua forma e o seu conteúdo dentro do capitalismo, refletindo no surgimento do trabalho abstrato. Por isso que estas determinações inéditas, para serem corretamente apreendidas, precisam ser examinadas a partir das suas respectivas relações sociais. Diferentemente de uma perspectiva positivista, que tende a segmentar e a naturalizar a realidade em conceitos pré-definidos, a categoria do trabalho abstrato, dentro da crítica da economia política de Marx, não se delimita por uma suposta definição atemporal. A exposição analítica desta categoria não apenas se envolve em conexões com várias outras categorias, mas só pode ser apresentada corretamente a partir destas mediações.

Esse é um dos grandes esforços realizados por Rubin, na sua obra *Teoria Marxista do Valor*. Mais do que tão somente indicar a importância do trabalho abstrato para a análise econômica do capitalismo, um dos grandes méritos da obra do autor russo foi apresentar algumas das principais mediações que consubstanciam a determinação desta categoria. Para além da exposição da magnitude do valor das mercadorias, expresso na quantificação de tempo de trabalho socialmente necessário, Rubin oferece também uma análise qualitativa do trabalho abstrato, que remete à miríade de relações e formas sociais conectadas com esta categoria.

#### 4. REFERÊNCIAS



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

MARX, Karl. Economic and Philosophic Manuscripts of 1844. (2010c). In: Marx, K.; Engels, F. **Collected Works**. Volume 03 (Karl Marx March 1843-August 1844). London: Lawrence & Wishart, 2010a.

\_\_\_\_\_. Marginal Notes on Adolph Wagner's "Lehrbuch der Politischen Oekonomie". In: Marx, K.; Engels, F. **Collected Works**. Volume 24 (Marx and Engels: 1874-83). London: Lawrence & Wishart, 2010b.

\_\_\_\_\_. Marx to Engels. 24 August 1867 (Letter). In: Marx, K.; Engels, F. **Collected Works**. Volume 42 (Letters: 1864-68). London: Lawrence & Wishart, 2010c.

\_\_\_\_\_. Capital: a Critique of Political Economy. Book: I, The process of production of capital. In: MARX, Karl; ENGELS, Frederick. **Collected Works**. Volume 35 (Karl Marx – Capital Volume I). London: Lawrence & Wishart, 2010d.

RUBIN, Isaak Illich. **A Teoria Marxista do Valor**. Tradução: José Bonifácio de S. Amaral Filho; prefácio: Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo. - São Paulo: Polis, 1978.